

## EDITORIAL

*É um outro mundo possível o que os empobrecidos(as) da terra e da história anelam.*

*É um outro mundo possível o que a Terra, as Águas, o Ar e o Fogo esperam.*

*É um outro mundo possível, um mundo de redes solidárias e sustentáveis o mundo que o Universo das relações recriadas continua teimosamente e fragilmente tecendo.*

*É um outro mundo possível o que uma releitura popular da Bíblia pode nos ajudar a sonhar e construir.*

*Num texto cativante e encantador, mas que é ao mesmo tempo desconcertante, Nilva Dirksen Israel resgata a presença do culto primordial à Grande Deusa.*

*Mãe da Humanidade, que foi sufocada durante milênios pela sociedade patriarcal. A autora resgata a pessoa de Maria na tradição do discipulado de iguais e a imagem de Nossa Senhora na diacronia da Tradição com o texto “Maria, minha mãe... nasci mulher, é suficiente! – algumas reflexões mergulhando em Jo 2,1-12”. Como diz Nilva, “é à luz do corpo de mulher que busco em Maria, no pouco de sua história que chegou até nós, descobrir essa insistência, essa persistência em manter vivo o sonho de construir um mundo de igualdade, sem exclusão, onde mulheres e crianças cantam e encantam, onde jovens acreditam no futuro e os pais sejam também mães e juntos possam passar aos filhos e filhas a alegria de viver. Viver plena e abundantemente!”*

*No seu artigo “A reeducação do olhar”, Luiz Alexandre Solano Rossi nos convida para uma leitura “sustentável” da Bíblia, para que a terra não continue sendo considerada apenas como espaço de nosso sustento e de domínio tecnológico. Nós lhe agradecemos este convite à conversão profunda. Como ele escreve: “A reeducação do olhar, através da leitura popular da Bíblia, traz suas contribuições e sela o compromisso da busca coletiva e planetária por uma terra sustentável e um planeta saudável”.*

*“Há dois mil anos os cristãos rezam, no Pai-nosso, cada dia, e até mais vezes por dia: Pai, perdoai-nos, assim como nós perdoamos... (Mt 6,12 e Lc 11,4) e, no entanto, nas grandes e nas pequenas questões, ainda não aprendemos a perdoar! Há dois mil anos também, o Senhor, no Evangelho, nos ordena: não resistais ao malvado (Mt 5,39), amai vossos inimigos (Mt 5,44)...e no entanto continuamos a armar-nos, a retaliar, a guerrear, a odiar! Onde está o impasse? E como resolvê-lo?” Com a partilha de suas reflexões, Ney Brasil Pereira nos convida, no seguimento de Jesus, para a prática cotidiana da não-violência ativa. O novo mundo possível é fruto de novas relações. Ecologia tem a ver com um mundo de paz. A paz está ligada estritamente à justiça e a justiça tem o mesmo cheiro e sabor do perdão.*

*Através do livro de Jó, Aldo Dal Pozzo nos ajuda a perceber, com a força da esperança renovada, que Deus, Javé do Êxodo, está do lado dos(as) excluídos(as). Uma reli-*

*gião ou um discurso que não ajudam os empobrecidos a terem seu lugar de dignidade no mundo para nada servem. A releitura popular da Bíblia re-liga a fé e a vida dos(as) pobres. Assim podemos dizer juntos com Jó (42,10-17) que a felicidade é possível!*

*“Aparentemente profundo, mas profundamente simplório, é o pensamento de que o horizonte, que a cada passo se afasta um passo, serve para nos manter caminhando. Ignora a experiência libertadora de arrancar de uma margem e rumar para outro mundo possível...”*

*Com estas palavras Werner Fuchs nos convida ao protagonismo em situações distintas, iluminando nossas práticas e lutas através de Jz 1,20.11-15. O livro de Juízes, rico de impulsos, nos ajuda, na construção de um outro mundo possível, a criticar as idolatrias contrárias a Javé, porque elas expressam ambições de poder pessoal que distanciam do Deus libertador.*

*A palavra “mito” vem da raiz sânscrita “My”, que significa contar, falar baixinho. O mito é o conto, ou melhor, o auto-conto, que as mulheres e homens fizeram do próprio destino, dos próprios medos, do próprio estar suspensas(os) entre história e transcendência. É da linguagem mítica do Livro de Gênesis que Joarez Virgolino Aires nos fala para que o nosso corpo, tocado pelo fascínio do qual o mito é portador, possa ressuscitar para o compromisso e a construção de um outro mundo possível.*

*“Somando forças com um grande grupo de pessoas, tenho empenhado boa parte de minha vida, fundamentalmente, na formação bíblica com as lideranças na Igreja Católica da Diocese de Lages, situada na região serrana, Planalto Central de Santa Catarina. O método de leitura popular da Bíblia tem despertado energias adormecidas capazes de nos lançar, com renovado entusiasmo, na tarefa de refazer utopias e construir relações novas.” Através do texto de Mc 8,14-21, Celso Loraschi nos ajuda a perceber os conflitos existentes nas comunidades de Marcos, conflitos, às vezes, parecidos com os conflitos vivenciados por nós hoje. São conflitos dos discípulos/Doze com a grande massa “da multidão”. Os conflitos com os “outros”, as mulheres, os pagãos, os empobrecidos, os doentes, as crianças...*

*É só na opção em favor desta “multidão” que poderemos ser verdadeiramente discípulas(os)/Doze, construindo assim um outro mundo possível.*

*Desde os tempos mais antigos os opressores de mulheres, crianças e empobrecidos querem esmagar a esperança dos pequenos através de guerras, violências, tributos e, hoje, da qualidade total, do neoliberalismo e da Alca.*

*A voz da libertação de todas as escravidões ecoa no grande anúncio do profeta Jeremias: “Existe uma esperança para o seu futuro” (Jr 31,7-22).*

*Com o estudo deste texto Tomaz Hughes nos convida a acreditar e a construir um novo mundo possível, um novo mundo enraizado na história da libertação, um novo mundo mergulhado no projeto de vida em abundância do movimento de Jesus.*

*Não estamos apenas começando na construção da nova sociedade, por isso existe uma esperança para o nosso futuro!*

Maria Soave Buscemi, em “De corpos, pavores e utopias...”, se apresenta assim: “Meu corpo é grande, as curvas desenham palavras em minha pele, palavras amorosas, inúteis, gordas, preguiçosas, acolhedoras, abertas, esparramadas, curvas”. Fala-nos a partir de sua vida, de seu corpo, da vida e dos corpos das mulheres, corpos apavorados, violados e emudecidos pelo patriarcado que se arroga ter a decisão “nesta Pátria, ainda não Mãtria, do destino sexual e reprodutivo das mulheres”. Maria Soave retoma o texto da comunidade do discipulado de iguais, Jo 7,53–8,11, trazendo à tona toda a novidade evangélica de Jesus, que nos propõe recriar as relações entre mulheres e homens, homens e mulheres. Mostra que um outro mundo é possível, o mundo da liberdade, de corpos não encurvados, mas em pé, ressuscitados.

*Hermes Tonini e Maria Soave Buscemi*

